



Educação sexual. O que é sexo seguro?

Jurema Sampaio

A algum tempo atrás, um aluno meu de publicidade, fez um comentário que a princípio achei divertido, mas que me deixou pensando em uma série de coisas. Numa discussão sobre mídia e veículos de informação e propaganda, debatíamos sobre as qualidades de Internet e a forma personalizada como ela atinge o público, que leva a necessidade de pensar o design de um site, ou mesmo um banner de forma a atingir esse usuário/cliente em potencial, da forma adequada. O assunto se desenvolveu para merchandising e patrocínio pessoal até que ele disse: *"eu acho que vou propor que se faça propaganda em elástico de calcinha"*. Depois de muitas risadas de toda a turma inclusive minhas, perguntei o motivo da sugestão ele prontamente respondeu que com essa moda de calças e saias de cintura baixa, tem visto tanta moça com o elástico da calcinha de fora que achava que seria uma boa idéia "vender o espaço" para merchandising e disse ainda, que "todo mundo olha, mesmo mulher, quando um elástico de calcinha está aparecendo". Só que o "recurso" teria que ser usado logo porque do jeito que as coisas estão, logo cansa e perde o encanto.

Quando pedi para se explicar a resposta me surpreendeu mais ainda: "A professora, fica comum ora! Veja só, seios, é tanto 'peito' de fora que nem dá mais 'tesão' de olhar... no máximo você avalia se é grande ou pequeno, bonito ou feio..."

Na hora achei interessante a postura dele. Um menino normal, de vinte e poucos anos, estudante, de uma classe social/econômica de média para cima, perceber isso me deixou a impressão de que "nem tudo está perdido" e que estou certa na minha escolha de apostar na juventude para mudar efetivamente esse nosso país querido e tão judiado. Pensei comigo: "que bom que tem gente que 'pensa'!"

Mas isso ficou na minha cabeça por mais tempo, e eu não estava entendendo bem o por que... Dei-me "um tempo" para amadurecer a idéia.

Outros fatos e comentários foram "chegando" e se juntando a esse que relatei.

Mantenho, há 3 anos, um site na Internet, sobre Aids e Dst, voltado a adolescentes e jovens em princípio, mas que tem informações úteis a todas as idades, principalmente a pessoas sexualmente ativas. Como não sou da área médica nem de saúde, faço pesquisa junto a ONGs e médicos amigos, e repasso informações recolhidas assim, para o site, numa linguagem pensada para que o jovem entenda "sem frescuras", de forma simples e direta.

Recebo, em média, 5 a 6 e-mails por semana, com dúvidas, das mais diversas, relacionadas a sexo, práticas sexuais, formas e contágio de DST e Aids, mas uma coisa chama a atenção: em 3 anos, nunca recebi nenhuma dúvida ou pergunta em termos de maturidade para pratica de sexo. Não sei se devido a abordagem mais "prática" que o site tem, ou devido ao comportamento mesmo dos jovens, mas o fato é que as dúvidas são sempre ao que fazer depois do contato sexual....

Como assino uma lista de discussão de Educação (em seus vários desdobramentos) e esta lista é formada de educadores de várias áreas, pedi a uma bióloga que apresentou na lista alguns dados interessantes sobre a Aids que fizesse uma visita ao site e que, por favor, comentasse o que achava. Suas observações foram (estão sendo) muito úteis, porque o site precisa de participação assim para se tornar cada dia mais útil.

A informação me passada por essa bióloga diz respeito ao chamado "sexo seguro".



É notória a apresentação da camisinha como segurança a prática sexual, tornando seu uso obrigatório por qualquer pessoa de vida sexual ativa. Mas os dados apresentados por esta bióloga, no sentido de que a camisinha não é 100% segura quanto a prevenção de Aids (1) me fizeram parar e pensar no tipo de educação/formação que estamos dando aos nossos jovens.

Não defendo uma postura moralista quanto a sexo, mas não estaríamos sendo permissivos demais? E, com isso contribuindo, mesmo que involuntariamente para uma deturpação do sexo?

Volto a afirmativa de meu aluno de que está ficando "sem graça" ver tanto corpo exposto.

Falar de sexo com naturalidade, que deveria ser o correto, descambou para "fazer sexo indiscriminadamente". É natural hoje em dia ouvir dos jovens que eles têm uma vida sexual ativa, certo? Mas alguém pergunta a esses mesmos jovens como decidiram iniciar sua vida sexual? Orienta-se os jovens de forma adequada a esse início? Banaliza-se o sexo de tal forma que ele passa a ser visto como animalesco no meu ponto de vista.

Isto se reflete na afirmativa de um jovem de vinte e poucos anos que declara abertamente que está "farto de ver peitos e bundas".

Alguns, mais genérica e cinicamente poderiam duvidar da masculinidade do rapaz quando anuncia seu ponto de vista. Particularmente penso que seu "desabafo", somado a outros tantos fatos, é um sinal de que os jovens estão pedindo ajuda, um "help", uma orientação nesse sentido.

É amplamente difundido pelos veículos de comunicação, que não existe mais "grupo de risco" em relação a Aids, e sim, comportamento de risco. Entendendo como comportamento de risco, multiplicidade de parceiros e não uso ou desconhecimento de métodos preventivos. Mas pode-se confiar num método preventivo de contágio que apresente 33% de risco (2)?

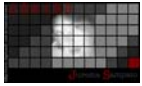
Não creio que pais e educadores queiram isso para seus filhos/alunos, então, por que nos escondemos por trás de uma falsa "liberalidade", agindo como se fossemos avestruzes "enfiando a cabeça na terra" para não ver o que acontece?

Cada pessoa, seja ela jovem ou não tem direito a sua sexualidade e a decidir sobre quando e como exercitá-la. Cada indivíduo deve saber de si mesmo e do que lhe é mais conveniente, prazeroso e adequado, mas para tomar essas decisões, deve estar corretamente informado de todas as conseqüências delas. Liberdade sempre, mas com responsabilidade. Educar também é impor limites e informar quanto a conseqüências de atos e ações.

Dar uma falsa segurança, uma informação de que sexo com camisinha é sinônimo de sexo seguro é pior que não informar nada. O ideal seria informar corretamente sobre sexo e esclarecer que sexo tem que ser responsável, consciente e que tem conseqüências e que uma delas pode ser uma doença. Não apelo ao moralismo, já disse, mas sexo com amor é muito, mas muito melhor, não é?

A banalização do sexo só tem aspectos ruins. Informação, não-preconceito ao falar no assunto, responsabilidade ao tratar de informação, sim, tudo isso é importante, mas também é importante dizer aos jovens o quanto o sexo realmente seguro (entendido como sexo-responsável) é melhor, a meu ver é a principal questão da educação sexual.

Nos informamos corretamente de endereços, horários e atividades, não? Quando vamos a algum lugar, tomamos providências de nos informar da forma mais segura/adequada de nos comportarmos nesse lugar. Por que não fazemos o mesmo quando o assunto é sexo?



Prof^a. M^º. Jurema L. F. Sampaio-Ralha
<http://www.jurema-sampaio.pro.br>
Fone: [19] 9714.7551

Ainda estou "processando" algumas das questões que levanto acima. Alguém se habilita a ajudar-me?

(1) GARCIA, Lenise - Lista Edutecnet - Arquivo de msgs -
<http://www.escribe.com/computing/edutec/m7051.html> - Sábado, 04 de março de 2000.

(2) idem